



A IDENTIDADE QUILOMBOLA PESSOAL NO QUILOMBO NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO PODE DIALOGAR E SER VALORIZADA COM REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Beatriz Silva dos Santos¹
Alcione Santos de Souza²
Almir de Sena Trindade³
Cláudia Silva Lima⁴

RESUMO

O presente trabalho é resultado de ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da Universidade do Estado do Pará, vinculado ao curso de Licenciatura em Geografia. A partir dessa vivência formativa, foi possível articular teoria e prática no contexto da Educação Quilombola, com foco na valorização da identidade de uma mulher quilombola por meio da linguagem fotográfica. Esta pesquisa busca valorizar a identidade quilombola de uma mulher de forma pessoal por meio da fotografia com registros autorais. Os quilombos têm registros fotográficos gerais, do coletivo. Porém, são necessários registros fotográficos pessoais, individuais ou somente de um núcleo familiar, pois são as histórias pessoais que influenciam o coletivo. A metodologia baseou-se em uma abordagem qualitativa, com ênfase na escuta sensível, na observação e na representação visual da identidade quilombola pessoal de um sujeito da comunidade Nossa Senhora do Livramento, localizada no município de Igarapé-Açu (PA) mediante pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e visita ao campo para realizar as conversas e as fotografias. O território do Quilombo do Livramento é marcado pela presença de homens e mulheres cuja história coletiva se revela em símbolos e expressões de pertencimento. Nesses elementos, percebe-se o orgulho que todos demonstram por sua terra, um espaço que remete ao passado, mas permanece vivo no presente, e que merece ser valorizado e preservado pelos governantes responsáveis pela gestão local. A fotografia, neste trabalho, possibilitou um diálogo inicial e interdisciplinar com campos como a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Geografia e os estudos sobre identidade quilombola. O registro visual de uma mulher com uma bacia de sementes de urucum simboliza essa integração: uma representação de quem comprehende e acolhe suas múltiplas identidades, como mulher, mãe e integrante de um território quilombola, no qual a memória e as tradições se mantêm vivas tanto na consciência quanto no cotidiano.

Palavras-chave: Identidade, Território, Fotografia, Poder, Memória, Quilombo.

INTRODUÇÃO

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará - PA, beatriz.santos@aluno.uepa.br;

² Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN, alcione.souza@uepa.br;

³ Docente do curso de Geografia da Universidade Estadual do Pará - PA, almir-igc@hotmail.com;

⁴ Doutora em História pela Universidade Federal do Maranhão - MA, coautora3@email.com.



Esta pesquisa busca valorizar a identidade quilombola de uma mulher de forma pessoal por meio da fotografia com registros autorais. Os quilombos, em sua maioria, possuem registros fotográficos de caráter coletivo, retratando o grupo em sua totalidade, porém, torna-se necessário também produzir registros fotográficos pessoais, individuais ou centrados em um núcleo familiar específico. Isso porque são as histórias pessoais que influenciam o coletivo, construindo sua memória e fortalecendo sua permanência.

O coletivo, por sua vez, é essencial para a coesão e para a continuidade do território conquistado, o qual se reafirma como pertencente às pessoas que nele vivem e à comunidade que nele se organiza. Nesse processo, a fotografia surge como uma ferramenta potente para a reafirmação e a valorização da identidade pessoal, identidade essa que, segundo Hall (2006), é complexa, fragmentada, metamorfoseada e composta por múltiplas dimensões.

O subprojeto foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na escuta sensível, na observação e na representação visual da identidade quilombola pessoal de um sujeito da comunidade Nossa Senhora do Livramento, localizada no município de Igarapé-Açu (PA). Para isso, foram utilizadas diferentes estratégias metodológicas, como pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e visita de campo, no intuito de estabelecer diálogos, captar narrativas e realizar os registros fotográficos autorais que possibilitam novas formas de expressão da identidade quilombola.

A questão norteadora que orienta este estudo é: como a fotografia autoral pode contribuir para a valorização da identidade quilombola de uma mulher moradora do Quilombo Nossa Senhora do Livramento?

A partir dessa problematização, o objetivo geral da pesquisa é valorizar a identidade quilombola por intermédio da fotografia com registros autorais. Já os objetivos específicos consistem em compreender como a mulher se reconhece e é reconhecida em sua identidade quilombola, aplicar registros fotográficos autorais como ferramenta de expressão e memória e analisar a relação entre fotografia, identidade e território, compreendendo a potência do olhar individual na construção do coletivo.



METODOLOGIA

A priori esta pesquisa é qualitativa e exploratória por buscar, na vida de um sujeito único, compreender melhor o coletivo e verificar se, por meio de fotografias, a identidade e a ligação com o território valoriza e promove um sentimento de apreço pessoal e coletivo. Segundo Tripodi *et al.* (1975 *apud* Marconi; Lakatos, 2017), as pesquisas empíricas têm como objetivo a formulação de questões ou de um problema, podendo desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno e clarificar conceitos.

A primeira etapa do trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica, com a elaboração de fichamentos de autores que discutem os conceitos de identidade na Sociologia e de identidade quilombola, como Stuart Hall (2006) e Fernandes *et al.* (2020). Também foram analisadas as contribuições de Barbosa (2016) sobre território, sob a perspectiva de Marcelo Lopes de Souza (2013), que revisa os múltiplos conceitos de territorialidades. Nesse percurso, abordou-se, ainda, a fotografia como linguagem cultural e política, bem como estudos aplicados à realidade comunitária, a exemplo do trabalho desenvolvido por Mendes (2014).

A segunda etapa da pesquisa foi dedicada à pesquisa em lócus, com a seleção de uma mulher da comunidade que aceitou participar da proposta. Foram empreendidas entrevistas semiestruturadas, com o intuito de compreender suas memórias, percepções sobre identidade, experiências territoriais e elementos afetivos da vida cotidiana e conversas com escuta sensível de acordo com as fotografias que iríamos realizar.

A escuta sensível é imprescindível para alcançar as respostas buscadas nesta pesquisa. Segundo Cancherini (2007), que se baseia nos estudos de Barbier, a escuta sensível implica conhecer, aprender e promover transformações, trata-se de um processo que envolve abertura, empatia e reflexão crítica sobre o outro e sobre si mesmo. Desse modo:

Barbier (2002) salientou a importância em reconhecer os desejos, as intenções, as estratégias, as possibilidades do sujeito no desenvolvimento coletivo. O sujeito, para o autor, pode ser um indivíduo ou grupo, e o pesquisador, também pode ser um grupo pesquisador. O termo coletivo significa junto com o outro. O pesquisador implicado reconhece seu lugar na organização social e os interesses que orbitam ao seu redor. A sua implicação implica o outro (Cancherini, 2007, p. 4).



Em paralelo, buscamos ter alguns registros fotográficos autorais que retratassem-na em suas atividades do dia: ser mãe, trabalhar com urucum, o rio em que ainda tomam banho e os amigos pescam, tudo que pudesse ser simbólico e contasse sua história interligada aos outros.

Após os registros feitos, selecionaram-se as fotos, que foram tratadas e enviadas à participante e feitas novamente perguntas acerca da experiência e o que aquelas fotos podiam relembrar e contar. As fotografias selecionadas correspondem a termos e eixos temáticos recorrentes na pesquisa: identidade, família, território e estética das cores. A seleção resultará em impressões simples e entregues ao sujeito participante na sequência, com a proposta de dialogar com sua identidade e propiciar valorização pessoal a ele e à sua comunidade local futuramente por meio da imagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Identidade e identidade quilombola

A construção da identidade quilombola está profundamente relacionada à memória coletiva, ao pertencimento territorial e à resistência cultural. Segundo Hall (2006), a identidade deve ser entendida como um processo em constante transformação, resultado das relações históricas e sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Em vista disso, a identidade da mulher quilombola não é fixa, mas é construída cotidianamente nas práticas culturais, nas relações de gênero e nas formas de expressão simbólica, como a fotografia. A fotografia, nesse contexto, deixa de ser apenas uma ferramenta estética e passa a operar como linguagem política. Além disso, o território assume papel relevante na construção da identidade, pois é nele que se enraízam práticas, memórias e modos de vida. Como destaca Santos e Silveira (2006), o território expressa ações pretéritas e presentes, sendo, portanto, espaço vivo, carregado de significados.

Nesse sentido, o território quilombola não deve ser compreendido como delimitação geográfica e como lócus de resistência, transmissão de saberes tradicionais e reafirmação identitária. O território quilombola é o lugar no qual se enraízam os saberes tradicionais, a oralidade se mantém viva, as práticas culturais como o plantio do urucum e os rituais cotidianos reafirmam uma identidade coletiva que resiste à homogeneização cultural.



Ao registrar gestos, rostos e símbolos do cotidiano quilombola, a fotografia contribui para romper esse silêncio histórico, permitindo que novas narrativas sejam contadas a partir de outras perspectivas. Ao mesmo tempo, atua como forma de pedagogia do olhar, despertando a consciência crítica para a diversidade e para as múltiplas formas de existência.

Por fim, a memória, como argumenta Halbwachs (1990), é um fenômeno social que se estrutura em grupos e é sustentada por rituais, objetos e narrativas. As imagens fotográficas utilizadas neste trabalho, portanto, documentam a realidade, constroem-na e ressignificam. Elas atualizam lembranças, evocam afetos e afirmam o lugar da mulher quilombola no tempo presente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A identidade foi pesquisada de várias formas e classificadas, *a priori*, por Hall (2006) em três momentos. O momento que vivemos hoje perpassa pela globalização, visto que “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006, p. 2) e pelos sistemas de poder que vivemos como (estado), a identidade, então, pode ser composta por várias identidades.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas (Hall, 2006, p. 12).

Ante o exposto, a fotografia configura-se como um recurso metodológico de ampla acessibilidade e elevada potência analítica, permitindo múltiplas formas de interação no campo investigativo.

Dessa forma, a fotografia pode ser compreendida como um recurso que, ao ser materializado, transforma-se em um produto significativo para os grupos ou indivíduos envolvidos na pesquisa. Nesse processo, ela adquire o caráter de devolutiva, carregada de valor simbólico, estético e poético, conferindo singularidade à comunidade. Nesse viés, a fotografia autoral assume o papel de linguagem e de ferramenta metodológica, aproximando-se de uma forma de escrita capaz de expressar experiências e sentidos.

Ao registrar elementos do cotidiano da mulher quilombola retratada, buscamos capturar sua imagem e resgatar símbolos e signos de sua identidade, como a bacia com urucum, o quintal com árvores nativas e o olhar voltado para o horizonte.

Cada fotografia é, portanto, uma narrativa visual que dialoga com os conceitos de memória social (Halbwachs, 1990) e identidade cultural (Hall, 2006). São imagens que carregam camadas de sentido: o urucum, por exemplo, é mais do que um fruto, trata-se de herança ancestral, símbolo de resistência e marca da ligação da mulher com a terra.

Como se observa na Figura 1, a mulher segura uma bacia de urucum, símbolo da sua ancestralidade. A composição da imagem, com ênfase no ambiente rural e nos elementos naturais, reforça o vínculo com o território e os saberes tradicionais.

Figura 1 – Mulher quilombola com urucum no quintal de casa



Fonte: Beatriz Silva (2025).

A identidade quilombola é vista por vários prismas, dentre eles, unir o prisma da Sociologia e do “poder político”. Em sua pesquisa, Fernandes *et al.* (2020) apontam que o conceito de identidade quilombola passa por um reconcerto e deve ser visto também pelas relações de poder, ou seja, “uma identidade que não é dada *a priori*, mas modificada de acordo com as necessidades políticas que se encontram em jogo” (Fernandes *et al.*, 2020, p. 5). Para os autores, “cabe compreender a identidade para além do papel social que é incutido ao sujeito em seus processos de socialização, que vêm desde as relações nas unidades familiares às instituições onde ele se insere e participa” (Fernandes *et al.*, 2020, p. 5).



Quando entrevistada, Dona Bidi comenta ser dona de casa, moradora do quilombo, ser mulher forte e guerreira como as outras de seu território: “sou casada e tenho 3 filhos. Sou uma simples dona de casa. O que significa pra mim [ser moradora do quilombo] é que todas as mulheres daqui são fortes, guerreiras, que lutam pelos seus objetivos”.

Barbosa (2016) argumenta que o estudo com base em registros abre horizontes de possibilidade para o sujeito social. Nesse processo, o passado não é simplesmente revivido, mas reinterpretado, ao ser acionado no presente, ele se atualiza segundo as experiências, os afetos e as vivências acumuladas. Trata-se, portanto, de um exercício de memória que recupera, mas também ressignifica trajetórias individuais e coletivas.

As instituições sociais podem ser estudadas pelas memórias pessoais de moradores: “[...] os quadros sociais da memória [...] a realidade interpessoal das instituições sociais” (Halbwachs *apud* Bosi, 1979, p. 77). Por sua vez, as instituições sociais também podem ser analisadas a partir das memórias pessoais dos moradores, como observa Halbwachs (*apud* Bosi, 1979), as formas/ quadros que ele chama de “quadros sociais” estão ligados à memória e evidenciam a realidade interpessoal das instituições, permitindo compreender como os vínculos coletivos se enraízam em experiências individuais e familiares.

Conforme Santos (1996), o espaço não pode ser reduzido à sua materialidade física, mas deve ser compreendido como produto das relações sociais. Nessa ótica, conforme Raffestin (1993), o território se diferencia da terra por carregar uma dimensão política, derivada da apropriação e da ação dos sujeitos.

Figura 2 – Placa de entrada da comunidade Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Beatriz Silva (2025).

A Figura 2 identifica a Vila de Nossa Senhora do Livramento que está situada na Rodovia PA-242, às margens do Rio Maracanã, a cerca de 21 quilômetros da sede do município de Igarapé-Açu, Estado do Pará. Trata-se de uma comunidade quilombola legalmente reconhecida pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA). Possui uma área de cerca de 129 hectares de terra onde vivem 53 famílias, na sua maioria, de origem afro brasileira (Mendes, 2014). O autor também descreve a ligação que os moradores tem com o rio, memória que foi retratada nas fotografias e nas entrevistas com a participante desta pesquisa.

As Figuras 3 e 4 apresentam exemplos de residências típicas da comunidade quilombola, cercada por vegetação nativa e com canoas dispostas no quintal. Essa composição revela elementos da vida cotidiana profundamente marcados pela relação com o território, a natureza e a ancestralidade.

Figura 3 e 4 – Casa tradicional quilombola com canoas e natureza



Fonte: Beatriz Silva (2025).

Quando foram apresentadas as fotografias e questionado o que elas significavam ou lembravam, a resposta surgiu de forma espontânea e leve, sem dificuldades de reflexão: “Lembro de pessoas irem pescar. Têm pessoas que vendem o que pescam. Outras pescam só para o consumo da família” (Bidi, 2025).

A casa, a rede e as canoas retratadas são objetos do cotidiano e símbolos de pertencimento territorial e de saberes ancestrais. A presença das canoas remete às práticas de pesca artesanal, à mobilidade pelos rios e à conexão com modos de vida sustentáveis. Para Santos (2008), o território é vivido, sentido e construído nas relações cotidianas, em que o espaço doméstico se funde com o território identitário. A rede, pendurada sob o alpendre, simboliza o descanso, a oralidade e o acolhimento das memórias familiares.



Figura 5 e 6 – Cultivo de plantações e açaí



Fonte: Beatriz Silva (2025).

As Figuras 5 e 6 são um exemplo comum do dia a dia dos moradores do quilombo: ter açaí em abundância com suas plantações de manive ou árvores com frutos. Tais produtos da terra também são símbolos de ligação ao território. Podemos observar na fala de Bidi (2025): “tenho orgulho e sentimentos por esta comunidade, que é feita por pessoas humildes e que têm orgulho de ser quilombolas, pessoas que lutaram para ter sua família e seu pedaço de terra para criar seus filhos”.

Para Souza (1995, p. 78), o território deve ser entendido por relações de poder, visto que “é, fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Isso se materializava, visivelmente, na história desse quilombo que passou por um processo que precisava da tutela e reconhecimento do Estado. De modo que “o processo não foi fácil nem rápido. Para o ITERPA expedir o título definitivo da terra como área quilombola foi preciso [...] a comunidade do livramento perceber seu reconhecimento como uma população que tem relação com o passado” (Mendes, 2014, p. 47). O processo não foi fácil e gerou diversos conflitos internos e externos:

A partir de observações e análise feita por órgãos do governo estadual e federal, esses mesmos usando atribuições legais da constituição brasileira, verificou-se que se tratava de um quilombo por mais que a princípio não estivesse amparada pelas leis do Brasil (Mendes, 2014, p. 47).

O território do Quilombo Livramento é oficialmente reconhecido pelo Estado e está inserido na lógica do Estado-nação. Esse reconhecimento, entretanto, não se limita a um ato jurídico, visto que se traduz em práticas estatais que interferem na vida dos moradores, de forma positiva ou negativa, seja na esfera municipal ou estadual. Exemplos concretos dessa



presença são a escola existente na comunidade e a estrada que garante acesso ao território, conectando-o a outros municípios.

Conforme Little (2002 *apud* Godoi, 2010), os Estados-nação surgem promovendo processos de “territorialização”, caracterizados pelo controle do acesso às áreas geográficas e pela classificação das pessoas a partir de seu lugar de nascimento. Nessa sentido, a própria existência “legal” dos indivíduos passa a depender de sua condição territorial nacional, evidenciando a íntima relação entre identidade, pertencimento e poder político.

Como se vê na Figura 7, a mulher aparece com seus filhos em um igarapé da comunidade. A água que os envolve evoca o ambiente natural e a memória viva do território como espaço de socialização e pertencimento.

Figura 7 – Mãe quilombola com filhos em igarapé da comunidade.



Fonte: Beatriz Silva (2025).

O registro revela mais do que um retrato familiar, simboliza, ainda, continuidade geracional, pertencimento e práticas afetivas comunitárias. A água do igarapé representa um recurso natural e um espaço sagrado e simbólico, em que se transmitem saberes e vivenciam-se tradições.

A fotografia pode ser materializada e torna-se um produto para os grupos ou indivíduos pesquisados, configurando-se, desse modo, como uma devolutiva linda e poética, além de singular a essa comunidade, posto que “casos do uso do recurso fotográfico em campo é comum que as imagens retornem e circulem no grupo pesquisado, fazendo com que seus integrantes as observem, interajam e debatam sobre elas” (Ribeiro, 2019, p. 148).



Figura 8 – Mural artístico na comunidade, representando simbolismo e memória



Fonte: Beatriz Silva (2025).

As Figuras 8 e 9 apresentam um conjunto de símbolos e memórias representadas pelas pinturas, enquanto as fotografias emolduradas expostas na parede da casa da participante compõem uma espécie de “altar da memória” familiar.

Figura 9 – Fotografias de família emolduradas na parede da casa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

As imagens nas molduras atuam como dispositivos de preservação da história pessoal e coletiva. Como aponta Halbwachs (1990), a memória se constrói socialmente e é de forma contínua reativada nos objetos do cotidiano. A exposição dessas fotografias em um local visível da casa revela a valorização dos laços afetivos e da trajetória familiar, além de representar resistência ao apagamento histórico que muitas comunidades quilombolas enfrentam. A parede azul funciona como cenário que abriga e protege essas narrativas visuais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que as entrevistas, junto com as fotografias realizadas, permitiram uma valorização pessoal e coletiva da identidade do quilombo e da entrevistada de forma pessoal, possibilitando rever memórias e pensar o lugar que se vive todos os dias com carinho e sorriso no rosto. A fotografia, neste trabalho, viabilizou um diálogo inicial e interdisciplinar com a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Geografia e a identidade quilombola pessoal de uma mulher, que sinalizou entender e aceitar suas várias identidades como mulher, mãe e pertencente a um território quilombola com memória e tradições vivas em sua mente ou no cotidiano representado na fotografia com uma bacia de sementes de urucum.

Espera-se que esta pesquisa, de caráter exploratório e sustentada por uma linguagem visual e técnica artística, sirva como referência para futuros estudos que busquem integrar a investigação acadêmica às expressões artísticas no contexto de comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ubiraneila Capinan. **O quilombo que remanesce:** estudo de caso acerca dos impactos da política pública de certificação e de titulação do território sobre a identidade étnica dos quilombos remanescentes Barra e Bananal em Rio de Contas, Bahia. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

FERNANDES, Saulo L.; GALINDO, Dolores C. G.; VALENCIA, Liliana P. Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de alagoas. **Psicologia em Estudo**, v. 25, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45031>

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENDES, Márcio dos Santos. **Território, identidade e poder:** uma análise da formação territorial e das condições de vida do Quilombo do Livramento no município de Igarapé-Açu – PA. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Pará, Castanhal, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Levy Félix; COSTA, Waldson de Souza. A fotografia como instrumento para valorização da identidade negra: a experiência e metodologia do projeto “Autorretrato Nordeste



– Quilombos de Alagoas”. **Revista de História Oral**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 193- 214, jan./jun. 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, Jessé José Freire de. Território e memória: a centralidade do espaço nas identidades coletivas. **Raízes**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 125-138, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.